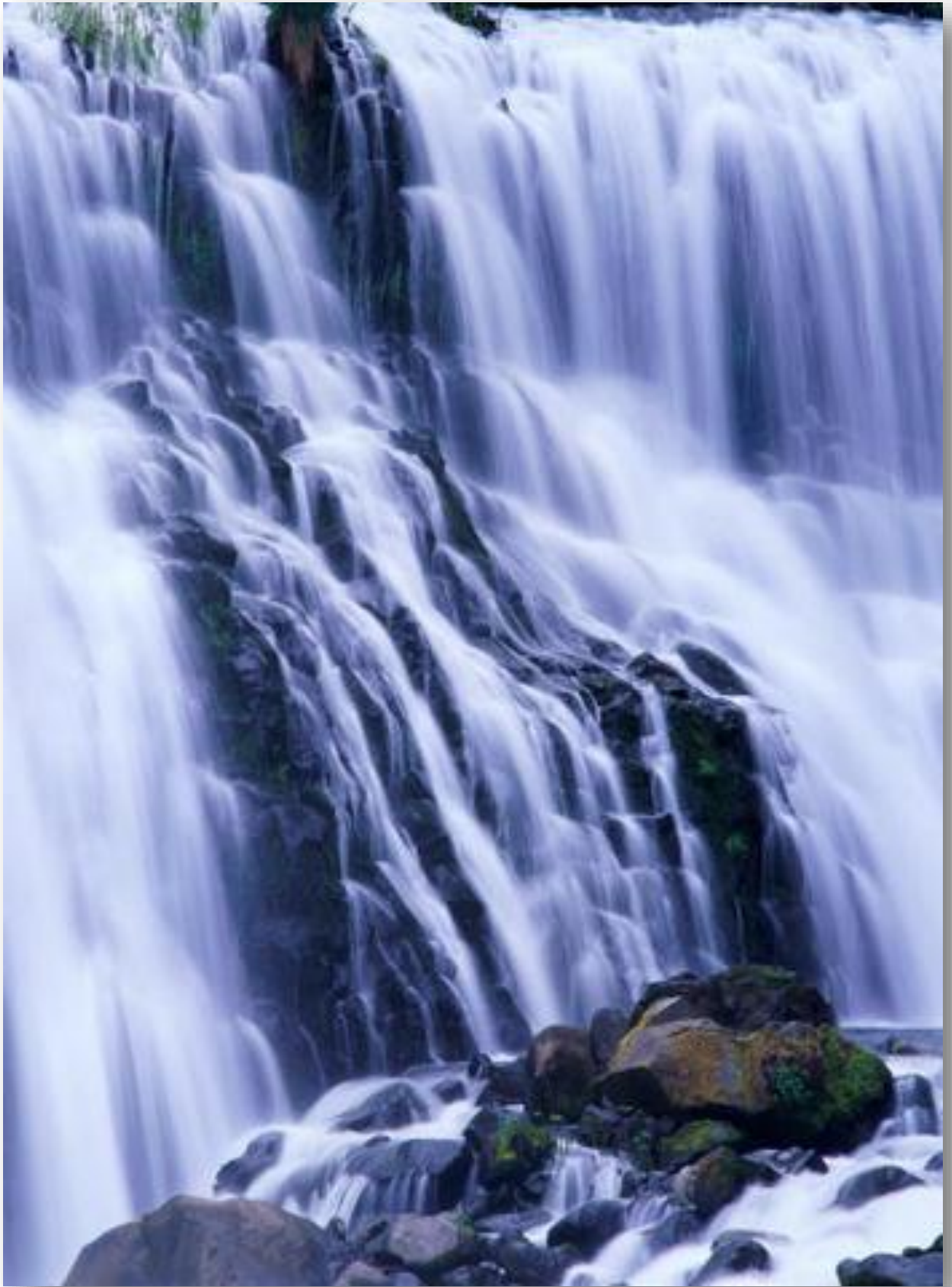


RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

A EGOÊNCIA
DO
SER

Conferência pronunciada em Agosto de 1969
na cidade de Buenos Aires

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



Parte I

SUMÁRIO

**ANÚNCIO PROFÉTICO NO HOMEM DE NOSSO
TEMPO. NASCIMENTO DE UM NOVO
ESTADO DE CONSCIÊNCIA.**

METODOLOGIA EM FUNÇÃO DA EGOÊNCIA

I

**ANÚNCIO PROFÉTICO NO HOMEM DE NOSSO TEMPO
NASCIMENTO DE UM NOVO ESTADO DE CONSCIÊNCIA**

Senhoras e senhores:

Vamos tentar uma compreensão do emergir do homem novo e de sua estrutura fundamental de ser.

Iremos desenvolvendo algumas ideias do que decidimos chamar “Germes de Futuro no Homem”. Estas ideias foram expostas conceitualmente em meus livros “Germes de Futuro no Homem” e “O Caminho da Egoência”, mas agora utilizaremos outro meio de comunicação que é a palavra viva por um lado, e nossa capacidade de recepção e ressonância anímica pelo outro.

Devo confessar-lhes que apesar de haver escrito dois livros sobre este “despertar do homem novo”, não me é fácil falar sobre o tema. É como se ao

querer comunicar-me com vocês tivesse que fazer de novo o esforço por traduzir em palavras o que penso e o que sinto acerca da *vida* nova que quer surgir entre nós. Claro que seria mais fácil para mim repetir os conceitos que eu mesmo desenvolvi em meus escritos. Mas então, isso já não seria uma corrente de transmissão de *vida*, seriam lembranças fixadas no tempo. De modo que, este meio verbal que queremos pôr em jogo neste instante, tem justamente a intenção de que possamos “sintonizar-nos” e “ressoar” juntos com isso que chamamos “o novo” que existe em cada um de nós. Necessariamente tenho aqui notas que me servirão de guia, mas me dou conta de que o fundamental na transmissão viva não são os conceitos nem as notas. Vejam se vocês podem entrar em sintonia comigo para captar o “essencial” do que queremos dizer. Não se detenham demasiado nas “formas” verbais, mas tentem ressoar com a *corrente de vida* que quer manifestar-se desde o instante em que estamos aqui reunidos como almas.

Volto a repetir o que disse no começo: tentaremos nestas conferências uma compreensão do “emergir do homem novo” e de sua “estrutura fundamental de ser”. *Compreender* o homem novo, *sintonizar-nos com* seu ser, para poder *experimentá-lo* e *vivê-lo* dentro de nós mesmos, não é fácil.

Temos que *abrir nossa alma* a seu mistério, temos que *abrir nossa mente* e temos que *abrir nosso coração* para que o germe do “novo” se aninhe nele e se faça *vida*. Se esta “abertura” tripla de nossa *alma*, de nossa *mente* e de nosso *coração* não se produzir, o novo homem continuará sendo para nós um belo tema de ficção científica, mas não será uma realidade viva.

Quer dizer, que não é fácil fazer disto uma vivência. Seguramente nos entenderíamos melhor se falássemos do homem fóssil ou das ruínas do Egito, do que se falarmos do novo que quer nascer no homem. Isto é, das coisas estruturadas e feitas forma no passado, temos um modo de compreendê-las, precisamente porque já estão feitas e têm uma carga de significado histórico. Em troca, quando queremos apreender o mistério do homem novo, temos que aproximar-nos de algo

ou melhor, de alguém, que ainda está em “gestação”, que ainda está em seu começo.

Também seria mais fácil fazermos a crítica do homem velho, ou a crítica da sociedade atual, de sua alienação e de sua patologia, temas dos quais andam cheios os livros e os filmes de hoje, porque se toma consciência de um mundo que acumulou história e patologia humanas. Existem muitos trabalhos de psicólogos e sociólogos, onde são expostos os vícios e as deficiências do mundo atual. Mas existem muito poucas contribuições que apresentem realmente o “novo” que está surgindo no homem, de forma a oferecer à humanidade um novo ponto de partida. Quer dizer que é fácil criticar o velho, mas não é tão fácil detectar o novo.

Por que esta dificuldade para “ver” o novo, para “ressoar” diante do novo?

Porque nossa mente está mais acostumada a perceber o que está “fora” de nosso ser que o que está “dentro” de nós mesmos. Estamos condicionados a um movimento centrífugo de nossos pensamentos e sentimentos. Mas ainda não aprendemos a realizar um movimento adequado de desdobramento sobre nós mesmos, que nos permita captar o que se “gesta” em nosso ser. Séculos de habituar a mente a funcionar em uma direção centrífuga nos torna desajeitados na exercitação de um novo instrumento, que é indispensável para percebermos fenômenos que ocorrem em uma dimensão diferente e que têm uma qualidade diferente. Esta mudança de foco, esta mudança na direção do movimento - que tentaremos realizar nestas conversas com vocês - para captar a essência do homem novo, requererá de todos nós a máxima atenção e a máxima capacidade de sintonia, de abertura e de flexibilidade mental. Se não existir esse tipo de flexibilidade, de capacidade de mover-se na direção oposta com certa soltura – como fazem os astronautas, que tanto estão com a cabeça para cima como para baixo – sem este tipo de flexibilidade da mente e do coração, é muito difícil

apreender uma essência que, ao aplicar-nos exclusivamente o instrumento objetivo racional, com toda segurança nos escaparia das mãos.

Além disso, estamos acostumados a ver o *desenvolvimento exterior*. Estamos acostumados a valorizar o *progresso*. Estamos acostumados a valorizar a “explosão” do desenvolvimento no mundo, mas carecemos ainda do instrumento adequado para ver a “implosão” que está ocorrendo no homem. Utilizo *ex profeso* estas palavras de contraste para ganhar alguns primeiros pontos de referência nesta exploração do desconhecido. Uma “explosão” é fácil de entender, mas uma “implosão” não sabemos bem, de saída, o que é. A mente habitual carece para isso de ponto de apoio, não é assim? No entanto, estas palavras não são somente palavras, algo querem dizer.

É mais fácil apreciar o *ponderável* que o *imponderável*. É mais fácil ver e conhecer a *matéria* que a *antimatéria*. É mais fácil ver o que morre que o que *nasce*. Podemos registrar e descrever o acidente, a desgraça, a morte, a decadência, a velhice, as civilizações que decaem, mas nos escapa o momento de gestação dos fatos e da vida.

É mais fácil ver o *ativo* que o *potencial*; o *determinado* que o *indeterminado*; é mais fácil apreciar a grandeza e a utilidade de uma catarata que está movendo uma usina, que a energia potencial de um lago quieto, que à primeira vista não nos diz para que serve.

Em outras palavras, e em resumo: é mais fácil ver e compreender a árvore que a *semente*. E o que chamamos “homem futuro” e “homem novo”, mais tem hoje de semente e de germe que de árvore desenvolvida.

Perguntemo-nos: é fácil compreender uma semente, um germe?

Na medida em que quisermos compreender a semente como coisa material, como objeto individualizado, talvez possamos dizer que sim. Poderíamos

conhecer sua composição química, a porcentagem de água, de amido, de proteínas ou de aminoácidos que contém. Ou poderíamos examinar ao microscópio sua estrutura celular. Mas a semente, enquanto “germe de vida”, é incompreensível para a mente racional, carece de sentido para ela. A semente – como tal – só pode começar a ser entendida quando, ao contato com a umidade e o calor da terra e ao influxo da radiação solar, se manifestou um movimento ativo de germinação. E podemos de alguma maneira captar a projeção e o destino dessa semente, o futuro da mesma, seu para quê.

Não sei se percebem o que quero dizer com isso. Quero significar que a semente só tem sentido dentro de um contexto de vida universal, dentro de um contexto total de energia telúrica e de energia cósmica. E dentro de uma unidade de sentido que inclua seu princípio e seu fim.

Quando falamos de “germes de futuro no homem” estamos falando de um novo estado “germinal” de consciência, de algo “novo” que quer “nascer”, que não vemos, mas que pressentimos, que tem o caráter de profético em nossa alma. Profético não no sentido de um anúncio que alguém nos traga de fora, mas como novo fenômeno humano que se está gestando na consciência interior de muitas almas, e que se anuncia a si mesmo como um estado de inquietude, de ansiedade, de espera, de uma espera de que algo novo ocorra, que advenha algo – no sentido de um advir essencial que vem se dando a partir do futuro. Esta angústia, que tem suas raízes no ser, quando não é reconhecida em sua origem, se projeta em direção ao mundo exterior e se traduz então em uma espera de que algo ocorra fora de nós. Esperamos que advenha algo no mundo, que ocorra alguma mudança, que aconteça algo, que suceda alguma coisa importante que possa mudar o rumo de nosso modo habitual de vida, que venha alguma mudança social, que venha algum disco voador ou que alguém nos traga uma nova mensagem de salvação ou simplesmente, esperamos conquistar por nosso esforço melhores condições materiais de vida.

Mas, o anúncio de que falamos se traduz em um tipo de espera totalmente diferente de todas as demais esperas que conhecemos na vida corrente. Se trata de uma espera existencial – se vocês quiserem. É a espera do advento de um novo *ser* em nós. Podemos esperar muitas coisas que nos ocorram na vida, mas há uma espera que é *única e* que afeta *fundamentalmente* o nosso ser, e é a espera de que possa dar-se um estado de consciência em que o humano que somos entre em harmonia e unidade com um todo transcendente que não conhecemos, mas que pressentimos. E o anúncio interior de que este novo estado de *vida* possa dar-se em nós não só como possibilidade, mas como realidade, tem o caráter de profético. Para este tipo de fenômeno, cada um de nós é profeta porque é intérprete de uma Voz que se dá nas profundidades de nossa consciência, ainda que nem sempre saibamos interpretá-la.

Dissemos que se anuncia como uma angústia existencial que pode ser interpretada de muitas maneiras, mas cujo íntimo pano de fundo desconhecemos. É uma inquietação interior similar à de uma *mãe* quando vai ter um filho: é uma espera de “gestação”, na intimidade do ser.

Em uma palavra, anuncia-se como uma necessidade de ser, e se há algo em nós que possamos considerar uma necessidade fundamental, que está para além das necessidades de sexo, de comer e de dormir e para além das necessidades sociais, políticas e econômicas que hoje se manifestam no mundo, é a necessidade que o homem tem de ser verdadeiramente homem.

O homem atual tem necessidade de uma abertura de seu ser a uma totalidade de vida universal que ele intui, que presente, mas que **não** vive.

Muitas das angústias humanas, que costumam atribuir-se arbitrariamente a causais psicológicas ou a problemas econômico-sociais são, em sua raiz, angústias existenciais. E revelam, mais que nada, uma carência de sentido e uma necessidade de ser diferente. Esta necessidade de ser se registra na consciência

interna da humanidade de nosso tempo com uma intensidade crescente, incrementando ao mesmo tempo um potencial de angústia desconhecido em tempos passados. Essa angústia, voltamos a repetir, não é somente uma ansiedade psicológica, nem pode ser explicada superficialmente, através dos conflitos emocionais, de ordem social ou econômica, a que pretendamos reduzi-la – ainda que tais conflitos existam realmente – senão que está revelando a pressão gestante de um novo estado de consciência: de alguma maneira, e em alguma medida, o homem atual intui um “além da existência cotidiana” e sente a necessidade de união de valores humanos e divinos que permaneceram até agora separados, no campo de sua consciência.

Este germe gestante que está despertando em todos nós - e que como estado de consciência qualificamos como “egoência do ser” - tampouco pode ser compreendido, senão no contexto da vida universal e planetária em que se manifesta. Assim como no exemplo da semente a que fazíamos referência anteriormente, a egoência não pode ser compreendida sem um “céu”, uma “terra” e um “destino”: só tem sentido dentro do processo evolutivo da grande obra universal e em um novo tempo cósmico.

Vamos ver se posso explicar um pouco melhor o que quero dizer: dizíamos que uma semente não pode ser compreendida sem uma terra que a albergue e um sol que a fecunde, e sem um destino que presida seu nascimento, crescimento e desenvolvimento; mas também não podemos entender a “egoência do ser” como novo estado de consciência, se não o relacionarmos com uma visão do cosmos e da vida universal.

Algo está ocorrendo agora no *devenir* cósmico, e se não pudermos intuir o que está acontecendo na vida do universo é muito difícil que possamos entender o que se traduz por inquietude e inquietação em nossa própria vida, em nossa própria alma e em nosso próprio ser. Desconectada nossa angústia existencial e

nossa ânsia de ser do grande panorama da vida universal, desconectando nosso ser do sentido que tem no contexto cósmico, e desconectada nossa *pessoa* das correntes energéticas e espirituais do universo e das correntes vitais terrestres da humanidade em seu conjunto, é impossível compreender o nascimento a um novo estado de consciência – “egoência do ser” – porque seria fazer do homem novo uma imagem falsa. É querer captar uma totalidade humana, pondo previamente um cerco de limitação à totalidade cósmica em que essa nova humanidade se manifesta: é como querer entender a semente fazendo caso omissos da terra e do sol. Querer entender a semente desconectando-a racionalmente do contexto cósmico-terrestre em que se manifesta sua vida. É algo impossível. E, por esse mesmo motivo é difícil hoje à mente, acostumada a examinar parcialidades humanas, compreender o que há de novo no homem.

Nós vamos tentar primeiro aventurar-nos no desconhecido, abrir nossa alma intuitivamente para apreender o que está ocorrendo hoje no universo, ainda que isto pareça uma utopia ou uma empresa demasiado fora das forças habituais do homem comum, para ter nessa intuição original, um ponto de partida seguro para compreender a “egoência”.

Algo extraordinário está ocorrendo no universo nesta época em que nos cabe viver. Alguns grandes seres perceberam isto desde as primeiras décadas do século. Eles viram o fulgor do nascimento de uma “nova estrela” que marca o nascimento de um novo tempo cósmico: foram os grandes profetas da era moderna.

Quem são estes seres extraordinários?

Os mais conhecidos são os pais da ciência moderna. Ante eles nos inclinamos humildemente com respeito e reverência porque revelaram ao homem leis do universo que eram totalmente desconhecidas. Por ressonância de sua própria alma com o mistério do desconhecido e por um estado anímico semelhante ao dos amantes ou ao dos místicos, como confessa Einstein, o cientista moderno pôde

intuir as leis mais gerais do universo. Essas fórmulas não puderam depois ser reduzidas a expressões matemáticas e a resultados tecnológicos. Mas foram os sábios inspirados os que primeiro trouxeram a ideia de uma nova imagem do universo.

Há outros grandes seres, menos conhecidos, que contribuíram e contribuem com sua poderosa energia para trazer novas correntes de amor à humanidade. São os Grandes Mestres do Coração, os que menciono em meu livro “Germes de Futuro no Homem”: eu reconheci um deles em Dom Santiago Bovisio, que foi meu Mestre e meu diretor espiritual. Em sua presença me dei conta dos valores íntimos destes homens humildes que possuem uma força do coração totalmente desconhecida na humanidade atual, que passam quase inadvertidos para o comum das pessoas, mas que oferecem um *quantum* de energia de amor necessária para fecundar os anelos da nova humanidade.

Mas não faz falta ser tão grande como estes seres que se antecipam aos tempos. Não faz falta ser Mestre da Ciência ou Mestre do Coração para “ver” o que está ocorrendo no universo. A mesma grandeza a têm, em certa medida, as almas simples. Rendo homenagem a estas almas simples, as quais coloco em uma terceira hierarquia, junto aos Grandes Mestres da Ciência e aos Grandes Mestres do Coração, porque estou convencido de que a alma simples, a alma que não está sofisticada com os resíduos de uma época de decadência, tem suficiente limpeza em seu coração como para poder espelhar em sua pequenez, a grandeza do nascimento cósmico. E hoje se torna a repetir o que disse Cristo no Evangelho: que muitas verdades, ocultas aos sábios e aos entendidos, se revelam à mente e ao coração de muitas almas simples. Estas almas simples talvez não têm suficiente instrumento racional como para traduzir conceitualmente o que percebem dentro de si mesmas, mas têm suficiente grandeza espiritual para reconhecer os signos dos novos tempos.

Em resumo, os grandes mestres da ciência, os grandes mestres do coração e as almas simples viram que se abria um novo “céu” e uma nova “terra”, e que nesse “novo espaço” e nesse novo “tempo”, a vida do homem adquiriria um “novo sentido”.

“Germes de futuro no homem” não é só o título de um livro. Não é uma utopia nem uma teoria; não se refere a um sistema filosófico nem a uma nova concepção teórica do mundo e da vida. Não estamos falando de uma profecia no sentido do que vai vir, do que poderia ser. Não estamos falando de ficção científica, de tecnologia de futuro nem de sociedade utópica, senão que é uma realidade existencial que hoje se dá como germe no homem e que amanhã será o modo de viver dos homens que virão. Quer dizer, estamos falando de nossa própria vida, do que em alguma medida também percebemos em nossa própria consciência e estamos dando testemunho do que vimos e do que vivemos.

Será muito ou pouco. Não sei se nossos olhos terão largo ou curto alcance e se nosso coração terá muita ou pouca capacidade de amar. Mas hoje em dia é necessário dar testemunho do que se viu e do que se é. Se se viu algo, se se sentiu algo como uma experiência concreta – não como uma ilusão – deve-se dar testemunho ante os demais homens porque eles necessitam desse testemunho, não para seguir-nos – porque isso seria uma ilusão mais – e sim, como ponto de contato para reconhecer e ativar em si mesmos uma experiência similar.

Em cada um de nós há um germe potencial de nova vida, mas não nos enganemos, este germe de nova consciência, de novo ser, é como uma semente, também necessita de um pai e de uma mãe. Não pode desenvolver-se por si mesmo - não existe esse “autodesenvolvimento”. Ele necessita de um contato com as correntes cósmicas de ativação da egoência e também de um contato com as forças terrestres, com as forças de uma humanidade que hoje pressiona coletivamente para alcançar um nível mais elevado de vida. sem esta dupla ativação, sem este

duplo contato entre a energia-consciência cósmica e a energia terrestre, entre a consciência divina e a vontade humana, não há possibilidade de desenvolvimento do novo indivíduo.

Muitas destas ânsias de advento do novo às vezes abortam e outras nem sequer começam a desenvolver-se porque falta a predisposição para pôr-se em contato com as forças fecundantes da vida.

Este é um conceito um pouco difícil de apreender, que possivelmente será desenvolvida melhor por nós em outras conferências. Mas, vejam vocês, ainda em um campo pequeno, a nível doméstico, a nível das relações humanas, da comunidade humana, terão um exemplo do que quero dizer. Vocês terão percebido que, se não houver uma presença humana fecundante, as almas se esterilizam umas às outras, não é assim? Por que há tantos seres fracassados no mundo? Por que há tantos casais que não se entendem? Por que há tanto desencontro entre pais e filhos? Por que há tanta decadência no aspecto espiritual? Porque falta o clima, o meio genuinamente humano que fecunde as possibilidades das almas. Se um casal de jovens, por exemplo, se constituir com as melhores ânsias de vida superior, com as melhores ânsias de amor e de ser - com as melhores intenções de formar uma família que canalize uma obra para a humanidade – e se não houver nessa comunidade incipiente um “meio humano” suficientemente potente que seja corrente ativadora daqueles anelos, poderá haver talvez um progresso e um crescimento de bens materiais, mas não haverá fecundação e crescimento nas almas reunidas. Para que a alma cresça e se desenvolva espiritualmente, faz falta uma corrente fecundante - um “clima” se vocês preferirem chamá-lo assim - um meio de transmissão do sentido do humano, que é algo mais que a herança puramente biológica.

Se o casal humano, se a família humana, se a comunidade humana carecerem desse “elemento” sutil que às vezes acreditamos ter e não temos; se carecerem

dessa energia espiritual, dessa energia cósmica que faz germinar as sementes, que faz com que as plantas se desenvolvam e as flores se abram; se esse imponderável não existir, não ficará nada mais que o encadeamento escravizante das almas, umas às outras, o desenvolvimento material e a decadência espiritual.

Isto tem muita importância para as crianças: elas podem estar muito bem dotadas pela natureza, ter boa inteligência, não ter defeitos físicos e haver recebido uma boa herança biológica. Mas, se não houver “clima humano” que as estimule, se não houver contato energético vivificante com uma corrente de vida superior, não será ativado o desenvolvimento em direção a formas mais elevadas de vida.

Sem esta dupla ativação do cósmico e do terrestre, do divino e do humano, as sementes permanecerão como sementes, os germes como germes, as inquietudes ficam como anelos, os ideais da alma se desvanecem como belos sonhos, e o chamado a cumprir um novo destino no *devenir* universal fica sem resposta.

Em resumo, se esse “meio humano-divino” não existir, não há “germe” que cresça em nenhuma parte do mundo. Vai acontecer como com aquelas sementes de trigo encontradas nas tumbas egípcias: ali estiveram durante milênios, mas só quando foram postas em contato com a terra e com o sol, germinaram.

O mesmo ocorre com os “germes de futuro” que existem em cada um de nós: teremos as melhores inquietudes, a melhor boa vontade, talvez um certo dia tenhamos um arrebatamento extático que nos faça tocar o céu com as mãos, ou um arrebatamento de serviço social ou nos lancemos a uma obra de ajuda à humanidade. No entanto, se não houver um contato fecundante de nosso ser com as correntes de energia cósmica, haveremos conquistado talvez o fruto de uma obra exterior, mas o germe do novo que há em nós e que aspira a abrir-se em uma nova dimensão interior haverá ficado como promessa.

Porém, se tivermos suficiente capacidade de abertura a nosso ser interior, se não formos tão ingênuos como para gastar nossas melhores energias, nossos melhores dias e nossos melhores anos em absorver-nos nas coisas no mundo, perdendo-nos na incerteza e na multiplicidade de experiências sem fim. E se tivermos suficiente honestidade para responder com plenitude ao chamado das necessidades fundamentais de nossa alma, o contato com a corrente adequada de energia-consciência cósmica se produzirá de imediato por uma lei de ressonância e similitude que faz com que todo aquele que pede, receba. E que todo aquele que procura, encontre: fenômeno de ressonância entre o terrestre e o cósmico, entre o humano e o divino - que existe, mas que não sabemos ainda utilizar adequadamente porque ignoramos a lei de ressonância universal.

Conhecemos as leis de causalidade mecânica, conhecemos as leis do azar, conhecemos os encontros casuais das pessoas, os amores à primeira vista e outras coisas semelhantes, mas não conhecemos as leis de ressonância entre as almas.

Um sábio como Einstein abre sua alma humildemente ao mistério do universo e intui as leis desse universo as “vê”, as “lê”, porque estão aí, ante seus olhos abertos. Se uma alma, em realidade, tem ânsias de ser, se tem um anelo real de crescer interiormente, encontra em seguida as correntes ativadoras da vida superior, porque essas correntes estão aqui e ali e em toda parte, em cada um de nós. E elas circulam a nosso redor, como circula a luz do sol que está por toda parte.

Não nos enganemos: uma coisa é a revolução biológica, o desenvolvimento psicológico, as transformações econômico-sociais e tecnológicas da humanidade – cada uma dessas coisas tem seu valor e seu lugar – mas outra coisa muito diferente é a ativação dos “germes de futuro no homem”, o que requer um esforço individual, em sintonia com uma energia cósmica.

Apesar das dificuldades da gravitação terrestre, condições humanas e divinas estão dadas em nosso tempo para que o novo nascimento no homem se produza: o germe do novo indivíduo dorme na intimidade da consciência potencial e só espera o beijo maravilhoso do amor que o desperte à realidade de uma nova vida, na plenitude da egoência do ser.

II

METODOLOGIA EM FUNÇÃO DA EGOÊNCIA

Dissemos na primeira conferência que iríamos tentar uma compreensão do emergir do homem novo e de sua estrutura fundamental de ser.

Dissemos que esta compreensão do que está *nascendo* na intimidade do ser humano nesta nova era não é fácil porque nossa estrutura mental e emocional está melhor preparada para ver o que está fora de nós, do que o que está em nós mesmos. É mais fácil ver o que morre, o que pertence ao passado, o que deixou marcas na história, o que pode ser repetido ou imitado, do que aquilo que nasce, o que quer *ser*.

Dizíamos que é mais fácil compreender o homem fóssil e as ruínas do Egito que o homem futuro. E que é mais fácil compreender a árvore que a semente da qual ela nasceu.

Vocês terão comprovado, através da dissertação passada, minhas dificuldades para fazer-me entender, e a necessidade que tive de utilizar imagens, signos e palavras simbólicas que nos servissem de ponte entre o nível onde se dá ou pode dar-se o despertar a uma nova *vida* e o plano da mente comum, que exige uma tradução dessa vivência para conceitos adequados. Recordarão que tivemos que utilizar a imagem da semente, e dissemos que a *semente*, enquanto “germe”, não era compreensível de *per si* e que só adquiria sentido para nós em função da convergência de seu ser com as correntes de energia terrestre e com as correntes de energia solar. Talvez esta imagem da semente nos tenha sido útil e acredito que nos serviu de certa ajuda na compreensão do homem novo, enquanto estado germinal.

Porém, se vocês estiveram atentos ao desenvolvimento do *processo de comunicação* durante a conferência passada, isto é, se prestaram suficiente

atenção ao que ocorreu enquanto tentávamos comunicar-nos, terão observado que ainda esta linguagem simbólica de intermediação se interpunha entre nós e, em um certo instante, tivemos que abandoná-la para entrar em uma *comunicação direta* por ressonância de alma para alma.

Só quando pudemos entrar em “ressonância”, entendemo-nos e, nesse momento, desapareceram as dificuldades da linguagem e as palavras se tornaram desnecessárias. Algumas das pessoas que estiveram aqui presentes e que escutaram com muita atenção, puderam captar este *fenômeno de ressonância*. Uma carta que recebi de um dos presentes àquela conferência diz o seguinte: “Sua última conferência foi mais compreendida do que eu supunha. Seu exemplo da semente foi ótimo, mas ainda isto, penso que não teria sido assimilado sem uma sintonia das almas”.

Sobre este fenômeno de ressonância anímica, gostaria que nos detivéssemos.

Indubitavelmente, chegados a este ponto de “sintonia”, isto é, de entendimento a nível profundo, de comunhão, estamos em melhores condições para compreender a “egoência”. Eu pensava, nesta segunda conferência, desenvolver sistematicamente o tema, fazê-lo objeto de estudo analítico e destacar sua maravilhosa perspectiva dentro da sociedade futura.

Seguramente, mais de um de vocês pensará por que não deixo de tantos preâmbulos e digo de uma vez por todas o que é isso de “egoência do ser”.

Mas, temo defraudá-los: em lugar de seguir em frente, desenvolvendo conceitualmente o tema, vamos deter-nos, suspender a expectativa da mente, reter o potencial de energia que pensávamos gastar em explicar a egoência e, talvez, em gozar da compreensão intelectual da mesma, para reverter sobre nosso próprio ser o movimento iniciado e, o que pudermos perder momentaneamente em compreensão objetiva, ganhar em uma expansão interior do campo de consciência.

Quer dizer, em lugar de aplicar-nos ao estudo do tema que pensávamos desenvolver, à mensagem que pensávamos transmitir – a “egoência” – nos aplicaremos ao estudo do *método* para descobri-la. E veremos se podemos chegar a uma vivência desse método. Não sei se ficou claro. Em outras palavras, a tendência natural da mente nos leva a querer concretizar a mensagem, a objetivá-la: esta é a tendência do movimento da mente quando funciona em linha reta. Mas, vamos tentar reverter o processo: vamos *deter* este movimento, vamos *suspender o juízo*, vamos *reter* o potencial de energia que deveria ser gasto na compreensão e vamos *voltar-nos* uma vez mais sobre nós mesmos, tentando ganhar uma abertura a um novo estado de consciência. Transformaremos o movimento centrífugo da mente em um movimento centrípeto, sobre si.

Este tipo de reversão dos movimentos habituais do pensar e do sentir é fundamental no modo de mover-se do homem novo. Se vocês puderem dar-se conta disto e experimentá-lo, ainda que não seja mais que em uma certa medida, terão dado um grande passo em direção à compreensão dos novos modos de pensar e sentir do homem do futuro. Se vocês pudessem experimentar em si mesmos esta mudança de dimensão, se pudessem experimentá-la agora mesmo em forma instantânea, teriam penetrado no mistério do novo método para explorar as leis do universo e do mundo interior do homem - e do método que será necessário utilizar nas relações humanas da sociedade do futuro.

Este novo método de descobrimento foi anunciado e praticado, desde o começo do século pelos grandes mestres das ciências puras. Mas, na atualidade vai se incorporando progressivamente a todos os campos da atividade humana. Observem que um homem como Bertrand Russell, ao dar-se conta da importância desta metodologia, disse que o grande descobrimento do século XX foi “a técnica de suspender o juízo”. Possivelmente isto não fique claro de primeira intenção, porque se trata de intuir certos valores negativos que ainda nos escapam. Nós estamos acostumados a “exercitar” o juízo, a “afirmar” valores – como dizíamos

na primeira conferência – mas não sabemos bem o que ocorre quando se “suspende” o juízo.

Agora, se a egoência se anuncia como um novo modo de ser, supõe também um novo modo de pensar e um novo modo de comunicar-se entre os homens. Em que consiste este novo método de conhecimento e de relações humanas?

Voltemos para isso à conferência anterior. Não ao que foi dito, isto é, não ao que foi exposto como sistema de conceitos, como ideias ou como mensagem. Ponhamos tudo isso entre parênteses, como diria Husserl, suspendamos o juízo momentaneamente e vejamos o que ocorreu entre nós, enquanto “vivência de comunicação”. Tentemos sintonizar-nos não com a “mensagem”, mas com a “vivência de comunicação”, tal como, seguramente, está se dando também agora entre nós.

Se vocês prestaram suficiente atenção, terão percebido que, ao tentarmos comunicar-nos plenamente entre nós, nos movemos e continuamos nos movendo em três níveis de linguagem. Deram-se conta disto? Isto é, usamos de uma ou de outra maneira, e às vezes alternativamente, três tipos de linguagem para traduzir o estado interior de consciência que vivenciamos como egoência do ser.

O primeiro nível é o da linguagem comum, quando tentávamos comunicar-nos por meio de uma linguagem conceitual e emocional.

Em um certo instante, este tipo de linguagem não nos serviu de muito e tivemos que entrar rapidamente em um segundo nível. Tivemos que utilizar uma linguagem “simbólica”, tivemos que recorrer à “imagem” da semente para expressar uma totalidade difícil de apreender, tivemos que utilizar “palavras simbólicas” ou palavras carregadas com certa “força” – palavras força.

Mas, em um determinado momento, talvez em um pico culminante do processo de comunicação, tivemos que abandonar toda linguagem formal para entrar em um terceiro nível que chamamos de *ressonância anímica*.

Em resumo, temos um primeiro tipo de linguagem que chamamos “conceitual”, uma linguagem “simbólica” e uma terceira linguagem que surge quando abandonamos toda linguagem formal, quando suspendemos todo juízo e quando renunciamos a querer capturar nas formas conhecidas da mente, os estados que são próprios da alma.

Pode ser que, o que chamamos “ressonância” se dê apenas em um instante, e que alcançado esse vértice tenhamos necessidade - para expressar o intuído - de usar uma linguagem conceitual ou uma linguagem simbólica. Mas, é indispensável que, em algum momento, alcancemos esse nível de ressonância com a vida *nova* que está se manifestando na intimidade de cada um de nós, para podermos entender a egoência.

Este método de ressonância começa a adquirir, hoje em dia, uma importância tão fundamental, de forma a podermos anunciá-lo como a verdadeira linguagem e o verdadeiro método do homem da nova era.

De modo que, antes de toda mensagem, de toda ideia ou de todo sistema de conceitos acerca do homem novo, nós gostaríamos – ou melhor, queremos, nesta conferência – conhecer e experimentar o instrumento que esse homem novo haverá de desenvolver para saber e comunicar-se.

Os dois primeiros níveis de linguagem, o conceitual e o simbólico, são insuficientes para captar a egoência em seu ser.

Se nós aqui não pudermos entrar em “ressonância” **com** o ser do fenômeno que se anuncia em nós como egoência, não vamos nos entender. E isto também é algo importante de que nos demos conta: não vamos nos entender, não por falta

de conceitos, por falta de inteligência ou por falta de “mensagem” e sim, por falta de “meio humano” que faça possível um entendimento por similitude.

Estamos entrando em uma era de compreensão diferente. estamos nos dando conta de que, por mais mensagens que haja – em realidade, a humanidade recebeu e continua recebendo mensagens muito importantes – se não houver “meio humano” de recepção, de arraigamento, de participação de vida, é inútil a mensagem.

Devemos perguntar-nos: o que é mais importante hoje, transmitir uma nova “mensagem” ou desenvolver um novo “meio” para que possamos descobrir as mensagens que foram e que virão? Porque se não tivermos essa instrumentação, é inútil falar de mensagens. As mensagens estão e estão sendo dadas, já seja desde o passado ou desde o futuro, mas se não há instrumento de ressonância, para que servem as mensagens? Esta é a tese central que gostaria de desenvolver na conferência de hoje. Se não tivermos método de investigação, se não tivermos instrumento humano de receptividade, se não tivermos meio interior para entrar em ressonância com o homem novo e a sociedade futura, não vamos nos entender.

Mas, eu gostaria de destacar agora que este método de ressonância que estamos querendo conquistar entre nós não só tem importância dentro de uma metodologia teórica, senão que tem implicações na vida prática. E não só é um método à altura dos grandes sábios que investigam as leis do universo, mas também acessível a todos os homens e fundamento das novas relações humanas, na sociedade do futuro.

Começemos por compreender o que é um método de comunicação *direta*. E não só é o método de conhecimento “direto” da realidade essencial, senão que também é o novo método de comunicação “direta” entre as almas, entre os seres humanos.

Habitualmente as pessoas não se comunicam em forma direta. Nós acreditamos que nos comunicamos de forma direta, de pessoa para pessoa. Mas, em realidade, nos comunicamos através de intermediários: por meio de ideias, de palavras, de emoções. Se temos ideias comuns cremos que chegamos a conhecer-nos e comunicar-nos. Porém, em realidade, estamos nos comunicando por intermédio dessas ideias. Igualmente, se temos emoções comuns: emocionamo-nos juntos ou entramos em uma sugestão ou encantamento mútuo, mas nosso próprio ser pode estar completamente ausente. Podemos entender-nos a muito alto nível com este *método indireto* de comunicação através das ideias, das palavras ou das emoções, mas podemos permanecer incomunicados, a nível do ser.

Ainda não temos muita experiência a respeito de uma maneira *direta* de comunicar-nos de alma para alma, de ser para ser. Comunicamo-nos “por meio” de emoções, deslumbramo-nos uns aos outros, sugestionamo-nos entre nós, nos pomos de acordo, porque temos interesses comuns, ideias comuns, gostos comuns, mas todas essas coisas “comuns” são intermediários. E, por serem precisamente “comuns” – quer dizer, coletivas – é que a gente, em realidade “não” se entende, não se comunica. Se houvesse comunicação, as pessoas se entenderiam muito melhor e não haveria tanta decepção. E há decepção porque não há comunicação direta.

O mesmo pode acontecer com o que é científico. Se o homem de ciência se comunica com a realidade através da intermediação de teorias ou sistemas de ideias, o único que conhece é esse intermediário, mas não a realidade tal qual é. Os grandes sábios que inauguraram esta era nos fizeram conhecer um método de conhecimento direto. Quando um Einstein se lança com sua alma desnuda a investigar as leis do universo, se põe em contato diretamente com essas leis, as apreende por uma lei de similitude e sintonia com elas mesmas, sem uma construção teórica prévia. A teoria veio depois, para traduzir aquela intuição original para a linguagem racional e matemática. Em um discurso pronunciado

por este sábio na sociedade de física de Berlim, ele diz: “a mais alta missão do físico é a investigação destas leis mais gerais do universo. Nenhum caminho lógico conduz a essas leis mais elementais: somente a intuição, apoiando-se no sentimento da experiência, conduz a elas. O estado apto para semelhantes ações é parecido ao dos religiosos ou dos amantes”.

Um homem desta hierarquia então, “suspende” o juízo, elimina a intermediação, isto é, as estruturas intermediárias da mente, os sistemas de conceitos, as teorias prévias, renunciando a tudo isto. E, limpando a mente e o coração, despojando-se de toda essa estrutura que a mente comum lhe oferece – o nível dos conceitos, das emoções, dos pareceres e dos sistemas – sem entrar em pareceres, opiniões ou teorias acerca do universo, suspende todo juízo e se abre a ele. E, entrando em ressonância com as próprias leis da vida, descobre-as por similitude. Este método fica assim incorporado definitivamente às ciências puras como método excelente e fundamental de investigação e descobrimento. Para descobrir algo na Física pura, na Matemática pura, todo mundo aceita que é necessário utilizar este método. Entendamo-nos, para descobrir, não para descrever ou analisar os fenômenos empíricos, para o que, é preciso utilizar o método analítico.

Em resumo, temos dois métodos: um método *indireto* de comunicação – tanto para o conhecimento como para as relações humanas: método próprio da mente racional e das emoções comuns. E um método *direto* de ressonância, por similitude essencial. Estes dois métodos abrem dois campos de possibilidades muito diferentes: para descobrir as leis do universo e da vida, e para descobrir as pessoas tal como são, faz falta o método direto por similitude essencial. E, para *analisar* as partes e *descrever* os compostos das coisas, faz falta o método racional indireto. Estes dois métodos são duas formas de pensar, de sentir e de comunicar-se, cada uma das quais tem possibilidades e alcance próprios.

Porém, o importante é dar-se conta de que um método que durante séculos esteve, não digo já fora do alcance do homem comum, mas fora até mesmo das possibilidades de homens muito inteligentes, um método que era só acessível aos grandes sábios e aos grandes místicos, está sendo ensaiado neste mesmo instante por todos nós. O único método que a maioria de nós podia utilizar era só o método da descrição exterior das coisas, o método da comparação e da compreensão racional. Mas, carecíamos de um método para ir ao “coração” das coisas, ao **ser** dos fenômenos e às leis da vida.

O método de ressonância, de conhecimento por analogia – volto a repetir – utilizado, até não faz muito tempo, somente por uma elite de sábios da mente e do coração, começa a ser hoje patrimônio do homem comum, mas do homem que quer descobrir por si mesmo, não do homem que só quer repetir o que outro disse nem do homem aprisionado no vórtice das emoções confusas, dos pareceres, das opiniões, das teorias ou dos sistemas.

O homem novo, que quer ganhar o conhecimento das leis da vida, que não se conforma com as teorias acerca dessas leis, senão que quer ele mesmo transformar-se em um investigador, em um buscador, tem necessariamente que utilizar este método de ressonância, este método por similitude, este método por aproximação direta da vida, sem intermediários.

Einstein diz que “não há nenhum caminho lógico que conduza ao descobrimento das leis mais gerais do universo”. Mas também não há nenhum caminho lógico que conduza a descobrir as pessoas tal como são: eu poderei ter todos os dados de uma pessoa, poderei computá-los nas máquinas mais perfeitas, poderei ter registrada em detalhes sua biografia, mas posso não saber quem ela é. Um dos grandes mistérios que o homem enfrenta conscientemente hoje, em relação a seu próximo é, precisamente, poder descobri-lo. Também não viver de ilusões com respeito ao próximo, nem viver de impressões, do que acha ou não

acha, ou do que dizem os demais a seu respeito: o homem novo quer conhecer as pessoas tais como são.

Tampouco existe um caminho lógico que conduza ao conhecimento de nosso ser interior. Com respeito ao mundo interior, foram inventadas muitas teorias através dos séculos. E cada um, quando fala de vida interior, tem suas próprias ideias, suas próprias imagens, suas próprias opiniões e teorias. E ninguém quer que toquem a imagem que formou de si mesmo. Mas, uma coisa é a “imagem” do mundo interior e as “impressões” acerca do mundo interior. E outra coisa muito diferente são as leis desse mundo... e não existe nenhum caminho lógico que conduza ao conhecimento dessas leis.

Em resumo, neste umbral estamos. Estamos no umbral de um homem novo que quer despertar, no umbral de um querer conhecer e buscar por si mesmos. E, para isso, faz falta o instrumento adequado, um instrumento para ver e ouvir: para ver o que ocorre no universo e para escutar a ressonância das leis da vida, tanto no próximo como em nós mesmos.

A egoência, antes de mais nada, é inquietude de busca, de anelo para descobrir por nós mesmos as leis de nossa vida interior, mas para esse tipo de descobrimento necessitamos funcionar também nós mesmos como “partícula de ressonância”. Deixo-lhes esta nova imagem tomada da Física nuclear: “partícula de ressonância”, para expressar um novo “modo de ser em ressonância” que desenvolveremos mais adiante.

Vocês poderão agora compreender melhor por que nos detivemos nesta conferência ao redor do método, e por que dissemos que o método aparecia, em certo instante, como mais importante que a mensagem. Talvez haja passado a era das mensagens e entremos na era do método. Que queremos dizer com isto? Queremos dizer que talvez haja passado a era das mensagens já feitas, dos sistemas já formulados, já definidos, das concepções sistemáticas acerca do

mundo e da vida, das filosofias já estruturadas, de todos esses modelos de ideias postos ali para serem repetidos ou para serem reproduzidos em série. Hoje em dia o homem novo, mais que um modelo para ser imitado quer um instrumento próprio para descobrir novos modelos e, mais ainda, para descobrir por si mesmo as leis que presidem a vida: e esse é o grito de individualidade da egoência nascente.

A egoência começa a manifestar-se quando o homem não quer modelos para serem repetidos, senão que busca descobrir a raiz da vida que se dá em forma única e original em si mesmo.

A egoência não é uma nova teoria – começemos por aí – não é um novo sistema de conceitos que eu haja fabricado e pretenda formular como nova doutrina acerca do homem do futuro, não é uma nova especulação da mente, não é uma nova filosofia, não é uma visão do homem e do mundo, não é uma nova religião nem uma nova mensagem social. Isto é, não é uma nova concepção teórica para ser formulada racionalmente nem é uma doutrina para ser aprendida ou imitada. Este tipo de construções sistemáticas pode ser muito interessante, muito nobre e de certa utilidade, mas são construções.

A egoência é uma necessidade individual de ser, é uma necessidade de liberdade interior, é uma necessidade de conseguir uma harmonia de valores humanos e divinos, é uma necessidade de conhecer e experimentar as leis fundamentais da vida individual e do universo. Mas, experimentar tudo isso por si mesmo. e, ao mesmo tempo, é um negar-se a que essas leis e necessidades lhe sejam impostas por autoridade, como sistema já fabricado de ideias e conceitos ou como teorias prévias acerca do homem e da vida.

O homem novo quer descobrir as leis da vida porque está cansado das teorias, e também está cansado dos empirismos e das experiências sem fim. Está cansado

de andar aos tombos e de aprender só pela dor da experiência. Queremos, de uma vez por todas, entender as leis da vida e sermos nós mesmos essas leis.

Mais importante então que receber uma nova mensagem acerca do homem e da vida é poder dispor de um método *individual* para descobrir as leis desse novo homem que desponta em cada um de nós e que já existe sobre o planeta, sem que possamos, às vezes, reconhecê-lo.

É precisamente em função do método que temos consciência de nossas limitações de estrutura, limitações de instrumentação humana: não temos suficiente olho nem suficiente ouvido para ver e escutar o que está se dando no novo marco espaço temporal do universo. Mas, em troca, temos abundância de mensagens. Sobra-nos mensagem e falta-nos instrumento e meio humano para recebê-lo.

O instrumento racional e emocional que aperfeiçoamos através de centenas de milhares de anos é insuficiente para responder às necessidades do homem novo e para receber a nova mensagem que já está vibrando no universo, através da vida dos mensageiros que se antecipam aos tempos.

Antes de toda mensagem, então, necessitamos afinar um instrumento de ressonância. Necessitamos abandonar os métodos já caducos. E necessitamos renunciar às estruturas condicionadas da mente para adquirir um certo grau de liberdade interior, um certo grau de flexibilidade e um certo grau de oferenda para que os germes de futuro que se anunciam a si mesmos no homem possam encontrar respostas individuais que faça possível seu desenvolvimento.

Sem um certo grau de liberdade interior, sem uma certa abertura da mente e do coração e sem um certo grau de renúncia e oferenda de si mesmo, é impossível captar o novo que há no homem e no mundo. E continuaremos reagindo... em lugar de sintonizar o novo, de entender o novo, de sentir o novo, em lugar de

ressoar com o novo para fazê-lo nosso, continuaremos reagindo, continuaremos sendo homens velhos que reagem, que reagem com sua velha estrutura e se negam a transformar-se.

PARTE 2

SUMÁRIO

SIGNOS DOS TEMPOS E SINAIS NO CAMINHO

A PARTÍCULA DE VIDA REDIMIDA E O DIVINO NASCIMENTO NO HOMEM

III

SIGNOS DOS TEMPOS E SINAIS NO CAMINHO

Vamos resumir brevemente o que foi dito nas duas conferências passadas.

Na **primeira conferência**, falamos do anúncio de um novo tempo e um novo homem.

Dissemos que, quando falávamos de “germes de futuro no homem” estávamos nos referindo a um “novo estado germinal”, a algo “novo” que quer “nascer”. Que não vemos, mas que pressentimos e que tem o caráter de profético, no sentido de que se anuncia a si mesmo, em nós. Anuncia-se interiormente como uma necessidade de ser, como uma necessidade de liberdade interior e como uma necessidade de união do ser individual com as leis do universo e da vida.

Apesar deste caráter íntimo, o nascimento do novo homem não pode ser compreendido senão dentro de um nascimento cósmico que, por abarcar o universo e ter derivações fundamentais na vida humana, se configura como nascimento de uma nova era. Dissemos que o fulgor deste nascimento cósmico, a luz desta nova “estrela” que marca o nascimento de um novo tempo foi vista com antecipação pelos grandes profetas da era moderna: os grandes mestres da ciência,

os grandes mestres do coração e as almas simples intuíram um novo ciclo e uma nova Terra. E, nesse novo horizonte, a vida do homem estava chamada a preencher um novo sentido da existência.

A **segunda conferência** foi dedicada ao método, em função da egoência. Em lugar de apresentar a egoência como uma mensagem teoricamente formulada, aplicamo-nos ao método para descobri-la. Preferimos “ver” a egoência, “intuí-la” originalmente, com anterioridade a toda teoria acerca da mesma.

Reconhecemos três níveis de linguagem, e dissemos que os dois primeiros níveis – o conceitual e o simbólico – eram insuficientes para captar a egoência, e que é indispensável alcançar o nível de ressonância com a própria egoência, ali onde ela se dá originalmente, para entendê-la.

Dissemos por último que hoje, a inquietude está centrada - mais do que em uma necessidade de receber uma nova mensagem já fabricada ou uma nova teoria acerca do homem e do universo - em uma necessidade de busca, em um afã de descobrir por si mesmo as leis que regem o mundo e a vida.

Duas palavras prévias ainda, com respeito ao método de exposição que estamos utilizando nestas conferências. E que, seguramente, continuaremos utilizando mais adiante. Utilizamos uma didática de participação e de desenvolvimento progressivo das ideias. Iremos desenvolvendo a ideia da egoência do ser em sucessivos cursos, e não temos pressa em formular uma teoria. Por isso, vocês devem ter se dado conta de que repito muitas vezes os conceitos expostos. Algumas pessoas me perguntaram por que repito tanto as coisas que já disse! Não repito as ideias porque suponha, simplesmente, que vocês não as entenderam. Eu as repito porque estou utilizando uma didática de ressonância. Se vocês “escutarem” atentamente, vão se dar conta de que não as repito no mesmo tom nem no mesmo contexto. Temos que aprender a “escutar” os diferentes tons

em que se diz uma mesma coisa. E isto tem muita importância neste método de comunicação.

E agora, entremos diretamente no tema que nos propusemos nesta terceira conferência: signos dos tempos e sinais no caminho.

Como reconhecer o novo que há no mundo?

Como reconhecer o homem novo?

E, sobretudo, como reconhecê-lo por nós mesmos?

Tentemos a investigação, utilizando o método por analogia e por ressonância anímica, que começamos a conhecer.

Antes de mais nada, uma forma de evasão deste reconhecimento é acreditar que já realizamos isso, que já somos homens novos, e que o somos porque pertencemos a algum grupo de vanguarda – já seja religioso, político, artístico, científico – ou que somos homens novos porque nos despojamos de certos preconceitos, ou porque tomamos ácido lisérgico... Que compreendemos o homem novo porque podemos explicá-lo com alguma teoria, com alguma nova visão do mundo e da vida, com alguma filosofia social ou política ou com uma nova antropologia racional. E acreditamos que, porque possuímos um sistema coerente de ideias acerca do homem e do universo, já temos uma guia segura.

Em realidade, nesta viagem pelo mar do desconhecido, como em toda viagem, necessitamos pontos de referência, “sinais” no caminho. Tanto os antigos e míticos argonautas, que iam em busca do velocino de ouro, como os modernos astronautas, que vão em busca de novos mundos desconhecidos, e como os futuros “egonautas” – permitam-me o neologismo, para designar os buscadores da egoência – todos estes peregrinos necessitaram e necessitam de “sinais” e “guias” no caminho: sozinhos se perderiam irremissivelmente nos abismos tenebrosos.

Porém, onde estão estes sinais? Que sinais podem orientar os “egonautas”, quando por sua própria natureza como tais descartaram os marcos de referência que o homem do passado possuía? E quando, por viver em uma época de transição como a nossa, o novo e o velho se misturam em tão confusas correntes que é difícil ter sinais seguros para orientar-se no caminho?

Que sinais, voltamos a repetir, podem ser tomados como pontos de referência que orientem para o futuro?

Os buscadores da egoência devem aprender a olhar por si mesmos, a confiar em sua própria capacidade de “ver” e de “sentir”, e a ter “pureza de intenção”: com essas atitudes interiores. Os “sinais guias” se revelarão por si mesmos, pois as condições estão dadas no homem e no mundo, para que aquele que tenha olhos, veja. E que aquele que tenha ouvidos, escute.

O “egonauta” deve aprender o olhar o céu, a olhar o mundo que o rodeia e a olhar-se a si mesmo, porque no céu, no mundo e em si mesmo estão escritos e marcados os sinais que o orientarão em sua busca. Entendamo-nos, não estou me referindo a símbolos mortos, a referências históricas, a profecias que se tornaram letra. Mas, a signos vivos, capazes não somente de “indicar” o rumo ao caminhante, capazes de oferecer-lhe a energia e o conhecimento necessários para iniciar o caminho.

Primeiro, é preciso aprender o olhar o céu, para poder guiar-se pelas estrelas como os antigos navegantes. E ainda os modernos astronautas também se guiam pelas estrelas. É preciso aprender a ter um “olhar cósmico”, a intuir o segredo do universo, a ter o olhar do artista, do sábio ou do santo. A olhar o grande, para compreender o pequeno; a contemplar o universo, para entender o homem.

Uma das principais dificuldades que temos para compreender a egoência é que nos acostumamos demasiado a um olhar analítico, reduzido a um campo

psicológico social, a um "olhar terrestre", e o olhar terrestre é insuficiente para abarcar a totalidade do mundo e da vida.

Porém, quando a alma sincera se “abre” ao mistério do universo em busca da verdade, descobre a “estrela guia”, a “presença misteriosa” que guia o navegante, a “luz do meio divino” que permite “ver” na noite do desconhecido. Em realidade, o novo tempo se anuncia no céu por uma nova “estrela”, por uma “presença inefável” que leva em si mesma o princípio e o fim de uma época. Voltamos com isto a repetir algo que já dissemos em conferências anteriores - e o repetimos para poder ganhar em profundidade a ideia de “meio divino”, que nos será de muita utilidade para compreender o sentido de futuro.

Nós mencionamos os “grandes seres” que inauguraram com seus descobrimentos a nova era. Isto é, fizemos referência ao “meio humano”. Falei depois, do método intuitivo que utilizaram para esses descobrimentos. Mas, sem um “meio divino” não teria sido possível nenhum descobrimento. Vejamos se podemos intuir isto com mais clareza.

As leis do universo e da vida “estão escritas”, e os “homens adequados para realizá-las” estão presentes em nosso tempo. Mas, sem a Luz que ilumina não é possível nenhuma leitura. Posso ter uma mensagem escrita neste papel, e posso ter os olhos necessários e o instrumento mental necessário para transmiti-la. Mas, se não houver luz que me permita ver essa mensagem, não poderei lê-la. Estes três elementos conjugados são fundamentais para entender isto que chamamos de “tempo novo” e “nova era”.

É verdade que, na segunda conferência, acentuamos o valor do método intuitivo. Mas, não nos enganemos, a intuição por si mesma, ainda que seja um instrumento extraordinário e de possibilidades superiores à razão, não é senão um “olho” - talvez um olho mais aperfeiçoado - que tem possibilidade de apreender

diretamente a verdade. Mas, o olho por si mesmo é incapaz de ler: faz falta uma “luz”.

Nossa época é de descobrimentos, porém não é simplesmente de um descobrimento humanista. Não é só um renascimento inspirado por grandes sábios – feito possível pela grandeza de um “meio humano”, posto em jogo em um certo momento histórico – senão que tem, desde a origem, o caráter de um encontro humano-divino. Em outras palavras, não é somente o homem sábio ou o homem santo que vão em busca de uma lei, senão que é ao mesmo tempo, uma Lei que vem em busca do homem. Não é só um novo “meio humano” que se desenvolve e amplifica, nem um novo “método” que faz possível descobrir as leis do universo, senão que esse “meio” e esse “método” adquirem plenitude de sentido, no “meio divino” que se revela neles.

Não sei se isto que acabo de dizer é percebido por vocês com clareza. Em uma palavra, nem o meio humano de *per si*, a grandeza do homem em sua mente e em seu coração, e o desenvolvimento pleno das possibilidades desse ser humano de *per si*, nem o método (por elevado que seja) – intuitivo, por similitude ou ressonância – de *per si*, adquirem sentido de totalidade, a não ser no meio transcendente em que se manifestam. Sem este meio transcendente que confere unidade de sentido, os descobrimentos e as obras que se realizam seriam como retalhos de arlequim. Enquanto que a nova era se apresenta como um todo coerente, em que cada peça adquire sentido dentro do conjunto de uma grande obra universal.

Olhemos agora para o mundo que nos rodeia.

Vejamos as condições novas que estão se dando no meio circundante. Isto é, vejamos o que está ocorrendo ao redor de nós mesmos, no mundo a nosso redor.

Entramos assim no estudo do “novo meio ambiente”, da nova “terra” onde foi plantada a semente do homem futuro. Antecipemo-nos a dizer que esta terra já

não é a terra nem o meio ambiente em que nasceram os homens de minha geração. Ocorreram desde então grandes mudanças. E agora, vivemos em um novo meio ambiente "energético" que temos que aprender a valorizar. Não só em suas consequências práticas e tecnológicas, mas em suas possibilidades existenciais.

Em forma muito resumida, diremos que o novo meio ambiente está dado por um novo meio ambiente "físico-telúrico", um novo meio ambiente "cósmico-espacial" e um novo meio ambiente "tecno-econômico-social".

Não poderemos entrar no desenvolvimento de todas estas ideias. Só me referirei às perspectivas existenciais das mudanças que já aconteceram e que continuam acontecendo no meio ambiente.

Em primeiro lugar, já sabemos que ocorreu neste século a desintegração artificial da matéria, o primeiro sinal fundamental que temos que aprender a ver e compreender.

Quando falamos da desintegração da matéria, da energia atômica, em seguida pensamos em suas derivações tecnológicas: nos isótopos radiativos que são utilizados para tratar certas enfermidades, nas centrais termonucleares para produzir energia eléctrica, no relógio atômico, na bomba atômica, na radiação atômica que contamina a atmosfera. Mas, ainda não nos damos conta de que a desintegração da matéria não só indica, para a humanidade um caminho em direção ao progresso tecnológico ou em direção a uma possível destruição, senão que também é signo do fim da "existência material", e abre as portas para um novo modo de existência que é um tipo de "existência energética".

Depois, temos outro sinal que se dá no meio ambiente, que é a conquista do espaço cósmico, um sinal maravilhoso. Porém, quando falamos de uma abertura em direção ao espaço cósmico, em seguida pensamos na viagem à lua, nas cosmonaves, nas estações interplanetárias. Mas, tudo isso é só a face técnica do

descobrimento: além disso, existe uma face existencial que é a possibilidade de um modo de existência não-gravitacional. Vencemos a gravidade terrestre através da poderosa energia acoplada aos foguetes, mas temos que dar-nos conta de que a “gravidade” não é só uma força física, é também um modo de existência ligado à matéria: abre-se agora a possibilidade de um novo modo de existência não gravitacional, que se fez possível através do conhecimento das leis internas desse tipo de existência. Existência não-gravitacional é um modo de viver sem o sustento daqueles aspectos de vida que nos ligam e retêm na matéria.

E, por último, quando falamos do meio ambiente tecnológico, em seguida pensamos nos computadores, na automação, nas instalações industriais completamente automatizadas, nos meios de comunicação instantânea, etc. Mas, isso também é a face mecânica e técnica do processo. No entanto, não percebemos que essa tecnoestrutura, no final, é corporizar o que há de mecânico no homem, fora do homem? Quer dizer, abre-se a possibilidade de uma existência mecânica “fora” do homem. Se nós imaginássemos que tudo o que é mecânico no homem saísse fora de nós, se ficássemos livres disso, que enorme peso tiraríamos de cima de nós! Não é assim? Então, o meio tecnológico nos oferece essa possibilidade e nos coloca no umbral de uma mutação psicobiológica. Muitas das dificuldades e obstruções de vida que temos hoje em dia ocorrem porque carregamos um pesado mecanismo “dentro” de nós. Porém, pouco a pouco, vamos delegando essas funções mecânicas aos computadores e aos servomecanismos, e esta passagem nos abrirá um campo mental e espiritual de grandeza insuspeitada.

Em resumo, estão se dando condições novas no meio circundante. Repetimos: falamos dos sinais que marcam a desintegração da matéria, o fim da existência material e o começo de uma era energética. Vimos os sinais que nos anunciam um novo tipo de existência não-gravitacional, e vimos os sinais do meio tecnológico que, se bem que nos assustem um pouco - porque pensamos que a

tecnologia vai nos tirar o trabalho e não vamos saber o que fazer com o tempo livre - nos colocam no umbral de uma nova dimensão mental e espiritual.

Olhemos, finalmente, os sinais que estão se dando dentro de nós mesmos. Aprendamos a ver as mudanças que estão ocorrendo em nosso “meio interior”.

Em nosso meio interior estão se produzindo mudanças químicas, psicológicas e espirituais em grande escala. Isto é, que abarcam a humanidade em seu conjunto.

As mudanças químicas estão ocorrendo, sobretudo na mulher, pelo uso massivo de anticoncepcionais e, em certos grupos humanos, pelo uso de drogas psicodélicas. As mudanças psicológicas se deram pela abertura do mundo subterrâneo, graças ao descobrimento de Freud. E, com isso, uma possibilidade totalmente desconhecida para a maioria dos homens do século passado - que é poder conhecer por si mesmos os desdobramentos inconscientes do mundo interior.

As mudanças espirituais estão sendo anunciadas por uma inquietação desconhecida e misteriosa, própria do homem de nosso tempo, que é a angústia existencial e a carência de sentido. A angústia existencial, o vazio existencial e a carência de sentido, perfilam - para Viktor Frankl - um tipo de neurose de massa destes tempos. Eu opino que, para além de toda neurose, tais mudanças do meio interior são “sinal íntimo” de uma necessidade espiritual, de encontrar um novo sentido para a existência. É um sinal “profético” que anuncia novos tempos e novos modos de ser.

Em resumo: mudanças no meio divino – uma “estrela” que, de repente, ilumina no céu emite um *quantum* de energia-consciência que anima uma nova era e pode “ver” um panorama completamente novo. Mudanças no meio circundante que indicam novos rumos à humanidade – em direção a uma

existência não-gravitacional e em direção a uma existência mecânica fora do homem – e mudanças no meio interior que dão um novo meio biológico, um novo meio psicológico e abrem um novo campo espiritual.

De qualquer maneira, este jogo triplo de sinais só marca os "rumos gerais" na direção para a qual se encaminha a humanidade do futuro. Mas para o “egonauta” em sua nave de comando individual, esses sinais convergem em um sinal único, destinado para ele e que aponta o rumo em direção à egoência do ser.

Em outras palavras, se olha para fora de sua nave existencial, vê os sinais do céu e do mundo circundante que marcam o rumo do conjunto humano. Mas, se olhar seu próprio painel – sua própria consciência individual – ali se acenderá uma luz que lhe é própria e que indica o rumo marcado para ele. E este é o signo da egoência, o chamado a responder individualmente com uma identificação de si mesmo, à consciência cósmica.

Em resumo, na grande tela anunciadora dos novos tempos, vemos muito signos, mas qual é o meu? Qual é o que aponta para meu próprio destino, minha própria missão, meu próprio sentido da existência?

Todos os signos que vimos e todos os caminhos que mencionamos abrem novas possibilidades para a humanidade, predispõem a novas mudanças, convidam a novos desafios. Porém, afinal, para aquele que procura a si mesmo, fica proposto um desafio que é definitivo e que coloca o indivíduo no umbral da egoência. Isto é, da possibilidade de ser o que deve ser ou de não ser nada. Este é o desafio privativo da alma individual, que oferece a possibilidade única de romper a barreira da existência coletiva, para entrar definitivamente na vida do universo com um nome próprio: e este nome próprio é o que chamamos egoência do ser.

IV

A PARTÍCULA DE VIDA REDIMIDA E O DIVINO NASCIMENTO DO HOMEM

Através das três conferências anteriores, em forma progressiva, e como ascendendo por uma rampa de lançamento que nos permitiu escalar três níveis de leitura – o nível lógico conceitual, o nível da linguagem simbólica e o nível da linguagem por similitude essencial – fomos nos aproximando da ideia de egoência. Preferimos sintonizar-nos com ela, antes que formulá-la teoricamente. Graças a este método de ressonância, que fomos exercitando durante todos estes dias em que estivemos juntos, conseguimos ter uma “vivência”, um contato direto por similitude, com este novo estado de consciência individual que chamamos “egoência do ser”.

Esta vivência, conquistada em sucessivas faíscas intuitivas, em meio ao fluir de nossos pensamentos e emoções comuns, foi se fixando em nós - mais que em fórmulas conceituais, em delicadas “impressões” anímicas, impressões no sentido de algo que se imprime, que registram o que foi intuído nas delicadas malhas do tecido da alma, antes que em toda linguagem formal. Esta delicada “impressão” do ser, anterior a toda compreensão - que se dá quando a alma se põe em contato direto com a vida que se manifesta em sua presença - é a matéria de toda compreensão e de todo desenvolvimento ulterior de outras formas de linguagem.

Conquistada a egoência neste nível de ressonância – que praticamente é o nível da contemplação (linguagem mística) – vamos agora descer aos dois níveis inferiores já conhecidos de linguagem. Veremos como se delineia a delicada vivência intuída, a impressão conquistada, na linguagem do artista. Como se plasma na linguagem das imagens, dos símbolos, das palavras-força. E, finalmente, veremos como se registra na linguagem conceitual do cientista, do lógico, do filósofo.

Retomemos, ao descer, algumas das imagens que foram surgindo no segundo nível de linguagem. Recordem que primeiro se configurou a egoência na imagem do “germinal”, do novo que nasce em nós, que não vemos, mas que pressentimos. Quando quisemos aprofundar neste estado de “germe”, de “semente”, surgiu a imagem do novo “nascimento” cósmico, do “novo céu” e da “nova terra”, onde essa semente começava a projetar um novo “sentido” da existência.

Estas imagens do “germinal”, da “semente”, do “nascimento”, têm certo caráter de imagens visuais. Mas a estas imagens visuais sucederam depois imagens auditivas. E, assim, a egoência se apresentou a nós como um “anúncio”, como uma “voz” da consciência que nos chama a um encontro profundo conosco mesmos. Por isso, dissemos que tinha o caráter de anúncio profético, no sentido de que se anuncia a si mesma, em nós.

Quando renunciámos a querer capturar a egoência na rede dos conceitos racionais, desdobrou-se outro de seus aspectos, que se apresentou como “caminho”, como “método” individual de busca, de investigação em si mesmo e por si mesmo, das leis fundamentais do homem e do universo.

E quando já acreditávamos perder-nos neste caminho de busca - pois nos demos conta de que nenhum caminho lógico conduz ao descobrimento dessas leis universais - surgiram os “sinais no caminho”, que marcam o rumo ao caminhante de boa fé: a estrela espiritual ou meio divino, os sinais do meio circundante que indicam os grandes rumos da humanidade em direção ao futuro, e o sinal íntimo que orienta o indivíduo em direção a um umbral, onde é possível romper a barreira da existência coletiva, para entrar definitivamente na vida do universo com um nome próprio. E, tenhamos presente uma vez mais, que este nome próprio é um “som”, uma “nota”, uma “vibração” nova que carimba a egoência com o caráter do individual.

Esta convergência do humano e do divino em um novo ponto inferior, o acoplamento de uma “Voz” da consciência que chama (vibração divina) com uma partícula humana que responde, configura o que viemos chamando de “partícula de ressonância” humano-divina: é uma nova partícula individual.

Em outras palavras, podemos dizer que este nascimento do divino no humano e esta correspondência do humano com o divino, precisamente por ter caráter de Vida, é um verdadeiro “divino nascimento” no homem.

Gostaria dizer duas palavras acerca do que são partículas de ressonância, imagem que tomamos da física nuclear, para explicar por analogia a ressonância humano-divina. Nas colisões que ocorrem entre partículas subatômicas – em determinadas circunstâncias – às vezes, algumas partículas se chocam com outras e se repelem, sem maiores mudanças. Em outras vezes, o choque produz mudanças profundas. Mas há um tipo de encontro singular, que é quando convergem duas partículas que se acoplam entre si de maneira que “vivem juntas” um certo tempo – geralmente muito breve – formando entre elas um sistema de ressonância, que é uma “nova” partícula chamada partícula de ressonância: depois, se desacoplam e cada uma continua por seu lado.

Deixemos isto aqui e continuemos com o descenso ao terceiro nível de linguagem – terceiro na ordem de descida – e tentemos traduzir a “visão” da egoência intuída, para a linguagem conceitual: talvez a formulação que iremos fazer agora terá para nós mais sentido do que se a houvéssemos feito a princípio, quando ainda não tínhamos conseguido uma vivência da mesma.

Agora sim, podemos perguntar: o que é a egoência? Qual é sua estrutura fundamental de ser? Pergunta que formulamos no começo da primeira conferência e que, naquele momento, era muito difícil de responder.

Sintetizando, podemos dizer que “egoência é um modo individual de ser em função harmônica com a consciência cósmica”.

Vamos analisar detidamente esta definição. Porém, antes de mais nada, teremos que aprender os novos significados que vão adquirindo as palavras, em função da egoência. Estamos utilizando palavras velhas para expressar funções novas e, portanto, necessitamos afinar uma nova semântica.

Em primeiro lugar, falamos de “um modo individual de ser”.

A individualidade, tal como a concebemos habitualmente, se constituiu no homem através da afirmação de “valores positivos” e dentro de um campo de consciência “separado” da consciência universal. Este tipo de partícula “individual” – separada da consciência cósmica – se afirma em si mesma como valor absoluto e se reconhece a si mesma em sua obra. Devemos dar-nos conta do que isto significa: o homem com este tipo de individualidade se identifica com sua obra, se espelha em sua obra, é o que é sua obra e se reconhece nela. Eis aqui a grandeza e a tragédia do homem que hoje chamamos “individual”: é um homem que vê sua obra objetiva, mas carece de visão quanto ao divino. Não vê seu próximo – enquanto alma – e tampouco se vê a si mesmo. Seu ser fica aprisionado em sua obra e, por outro lado, o que ele chama sua obra é uma obra parcial que não pode relacionar-se com a vida do universo. É uma individualidade que se desenvolve em função da lei “crescei e multiplicai-vos”, ou seja, a linha de uma vontade afirmada positivamente para chegar a um fim objetivo. É a lei do esforço, do “ganharás o pão com o suor de tua fronte”. Isto, indubitavelmente, dá seus frutos. Esses frutos do esforço pessoal, se bem façam possível o desenvolvimento das aptidões humanas e deem ao homem a capacidade de transformar o mundo material, não são suficientes para que a pessoa se justifique a si mesma, nem lhe oferecem suficiente espelho para que se reflita a si mesma nesses valores e possa ver em sua obra a imagem do universo em que vive. Em outras palavras, através

de sua obra objetiva e separada, o “indivíduo” não pode encontrar o sentido de sua própria existência: é a crise fundamental de desenvolvimento do homem de nosso tempo. É comum escutar que algumas pessoas dizem: “Bem, eu tenho praticamente o que quero, mas não sei que sentido tem minha vida”: surge uma crise de sentido.

Esta é a linha de desenvolvimento individual que conhecemos: é o “sistema” de cada um de nós.

Porém, este desenvolvimento, realizado sobre a base de um crescimento quantitativo, tem seu “limite”. Quando um fruto chega à maturidade, o que acontece? Pode desembocar em uma crise de sentido: isso já o dissemos, mas podemos ir ainda mais longe. Por tratar-se de uma linha de desenvolvimento unilateral, por ser uma obra que cresce em uma só direção – inspirada em um movimento em linha reta – corre-se o perigo de que essa obra possa tornar-se uma torre de Babel e de que, em um certo momento, se volte contra o sistema que a gerou.

Esta é a grandeza e a tragédia de uma etapa do desenvolvimento humano que já consideramos do passado. É a individualidade do homem de "ontem", porém, entendamo-nos, do homem de ontem que cada um de nós é.

A individualidade que qualificamos de “egoência” é outra coisa. É uma nova individualidade, ou melhor, uma nova dimensão da individualidade que se aperfeiçoa como tal quando a vontade determinante da partícula humana se une, por oferta reversível, à consciência cósmica. Isto é, quando a “partícula humana” com seus valores de desenvolvimento individual, conquistados por esforço próprio, se encontra com a "partícula divina" e ambas se acoplam para formar juntas a nova partícula de uma “individualidade de ressonância”. Não sei se isto fica claro, mas é uma tentativa de aproximar-nos do conceito de individualidade no sentido da egoência.

Quer dizer que o que qualificamos de individualidade no sentido comum do termo nos dá uma partícula humana separada, enquanto que a individualidade que chamamos egoência é uma individualidade em função harmônica com a consciência cósmica e que chamamos, provisionalmente, individualidade de ressonância.

Quando dizemos que a vontade individual se une à consciência cósmica não estamos falando de uma união por dissolução (a partícula humana se dissolve no oceano cósmico, como postulam certas teorias). Tampouco estamos falando de uma união por anulação (em que o homem chegue a identificar-se com a vontade divina por anulação de si mesmo), senão que, melhor que isso, estamos falando de uma nova “aliança”. Individualidade de ressonância, em realidade, é uma nova aliança entre o humano e o divino, que induz a pôr os resultados logrados pelo exercício da vontade individual em harmonia com as leis do universo e da Vida.

Egoência, então, não é negar os valores individuais, tampouco seria exaltá-los em valores absolutos e independentes, mas fazê-los reversíveis em função de leis universais. A individualidade que conhecemos habitualmente se funda em valores irreversíveis, enquanto que a egoência se baseia em valores reversíveis.

Em outras palavras, conhecemos um tipo de individualidade caracterizada por um processo de crescimento, de desenvolvimento para mais, de erguer piso sobre piso, para levantar uma obra. É um caminho que poderíamos chamar de ida, não é assim? Todos queremos chegar a algo, a uma meta determinada. Porém, uma vez que “chegamos”, não temos possibilidade de volta porque a própria vida mesma ficou englobada e capturada na obra que realizamos. Cresci – como um fruto – cheguei a uma certa maturidade, mas depois, com o fruto na mão, não posso voltar sobre meu próprio ser: entrei no jogo dos valores irreversíveis. Em lugar de ficarmos aprisionados e mortos pela posição de valores que se tornam antagônicos com a vida universal, queremos ganhar, agora, uma capacidade de

entrar nessa vida "com" esses valores. E conseguimos isso no instante em que renunciamos a eles: nesse instante de união – mística – entre a vontade individual e a consciência cósmica se produz a reversibilidade dos valores e a transformação humana.

Vocês poderão dar-se conta de que a tragédia do homem atual, da civilização atual, não é tanto a carência de valores. Não é que falem valores, não é que falhe o processo de desenvolvimento e crescimento. Porque o crescimento está bem, o cresci e multiplicai-vos está bem, a viagem de ida, de subir e ascender cada vez mais, está tudo correto. Mas tudo isso é uma parte do movimento da vida. A torre de Babel, em realidade, não estava mal concebida, mal ideada. Não veio abaixo por falta de valores, mas se fundava em um movimento em uma só direção.

Nós não aprendemos ainda a lei dos movimentos vitais de ida e volta. Aprendemos a crescer, a multiplicar-nos, a construir, a edificar sistemas de ideias ou sentimentos, mas todas as obras humanas realizadas em uma só direção terminam no fracasso e na morte, porque não há no universo movimento em uma só direção. Não há um coração que funcione somente em sístole ou só em diástole. No próprio cosmos há movimentos de expansão das galáxias em um lugar e movimentos de contração em outro. O homem edifica, constrói, realiza algo, mas quando quer reconhecer-se a si mesmo nesse algo, não pode, porque se alienou em sua obra, isto é, se tornou estranho a si mesmo: não soube ganhar o movimento de volta – através da reversibilidade dos valores – e sua união com a consciência cósmica. Na natureza ocorre esta reversibilidade: um fruto cresce, chega à maturidade, não fica colado à planta - que é o que nós fazemos quando nos apropriamos possessivamente dos frutos e dos valores conquistados no processo de desenvolvimento do que chamamos individualidade. O fruto da árvore entra em um processo reversível quando alguém o come ou quando, ao cair na terra, apodrece e fecunda uma nova vida. Mas, se ficasse preso à árvore o que aconteceria? Ficaria como uma peça de museu, não é assim? E nós corremos o

risco de sermos peças de museu, se não pudermos entrar na corrente de vida universal através de uma reversibilidade de valores. Mas a individualidade que funciona em uma viagem de ida e volta reversível, em um movimento de expansão e desdobramento, de desenvolvimento e renúncia, é o modo de ser que identificamos como egoência e cuja estrutura se define na união da vontade individual com a consciência cósmica.

Antes de seguir em frente, devemos pôr-nos de acordo acerca do que entendemos por consciência cósmica.

Quando falamos de consciência cósmica, temos que aclarar, antes de mais nada, que não se trata da habitual “consciência psicológica”, ainda que suponhamos a mesma como infinitamente ampla e profunda.

No estado comum da existência humana, a consciência psicológica está separada da vontade. Temos consciência de uma coisa e fazemos outra, não é assim? Não temos uma consciência unitária que seja, ao mesmo tempo, consciência, vontade e vida. Temos uma consciência objetivada, isto é, que quando tomamos consciência de algo, a consciência fica aprisionada e identificada com esse algo.

Em troca, quando falamos de consciência cósmica, estamos nos referindo à consciência que transcende o universo, à consciência divina – que é consciência e vontade ao mesmo tempo – ou seja, consciência, energia e Lei universal. Em realidade, melhor que chamá-la “consciência”, deveríamos chamá-la simplesmente Vida, com maiúscula. Uma vida que não conhecemos ainda, mas que pressentimos. Mais ainda, que amamos antes de conhecer. Uma vida que não está limitada pela morte nem pelas escravidões naturais. Uma vida livre.

Nós não conhecemos a vida livre, só conhecemos a vida condicionada ao tempo, às circunstâncias, condicionada a um certo tipo de obra. Reconhecemos

esta vida condicionada como vida biológica, vida mental ou vida emocional, mas no fundo de nossa alma queremos ser livres. E a união da vontade individual com a consciência cósmica dá ao homem o sentido da liberdade interior. Podemos dizer, então que “a egoência nasce sob o signo da liberdade interior”.

Voltando ao tema da consciência cósmica, propomos agora a seguinte pergunta: posso unir-me diretamente com o absoluto, com o transcendente, ou necessito de um meio adequado para isso? Posso alimentar-me diretamente da consciência cósmica? Posso ir beber diretamente no oceano da consciência cósmica? Vocês sabem que, sobre estas coisas, foram formuladas muitas teorias, mas nós não vamos falar aqui de teorias e sim, do que vimos e experimentamos por nós mesmos.

Confesso que gostaria de alimentar-me diretamente da energia solar. Parece-me que há de ser algo extraordinário e penso que algum dia, o homem, em lugar de seu complicado sistema de alimentação através do aparelho digestivo, vai poder utilizar diretamente a energia do sol. Porém, no momento atual, não posso fazê-lo nem creio que nenhum de vocês possa fazê-lo, não é assim? Não temos um pigmento verde no sangue que nos permita assimilar diretamente a energia solar, como o fazem as plantas. Analogamente, quando falo de “consciência cósmica” entendo uma medida de consciência cósmica que se dá em “alguém”. Um *quantum* de energia divina que se dá ou pode dar-se em “alguém”, em um ser, em uma pessoa, em uma alma. E entendo um grau de liberdade interior e de participação à consciência cósmica que se dá em “alguém”. Em resumo, uma “partícula de vida redimida” que se dá em “alguém”: vida “redimida” é vida resgatada das escravidões do tempo, do espaço e da matéria, através do esforço, do sacrifício e do amor desse “alguém”.

Através das idades e dos tempos, no Oriente e no Ocidente, em todas as raças, religiões e culturas, milhares e milhares de almas se esforçaram, com diferentes

métodos e em diferentes circunstâncias, para estender uma ponte entre o humano e o divino: muitos fracassaram e fracassam nessa tentativa. Mas em algumas almas – e como fruto destilado do esforço e o amor – emerge uma “partícula” de vida redimida, um “fotón” de luz espiritual que é seu aporte e sua herança à vida permanente. O conjunto destas almas liberadas, destas “partículas” de “alta qualidade de vida”, de alto nível de energia, de alto grau de consciência e grande força de amor, formam uma corrente de radiação universal liberadora. Sua influência é extraordinária no desenvolvimento da vida espiritual do planeta. Estas “ultrapartículas” nos bombardeiam constantemente e constituem o fermento catalítico das transformações da vida: são algo assim como os raios cósmicos, invisíveis ao olho, mas de poder extraordinário. O afinamento progressivo da sensibilidade humana permitirá reconhecer a importância desta radiação espiritual na genética espiritual do futuro.

Ninguém estranha hoje que a herança biológica se transmita através de pequenas partículas: são os genes, partículas ultramicroscópicas que estão no núcleo das células e que resumem a informação acumulada pela espécie. Recebemos a informação biológica codificada em essas pequenas partículas, mas temos que aprender a conhecer os “genes” que transmitem a herança espiritual que, em realidade, é o resumo da experiência cósmica que foi adquirida pela humanidade que está diante de nós. Vamos ver se consigo explicar melhor:

Nós conhecemos uma herança biológica, isto é, conhecemos as partículas genéticas transmitidas pelos homens que estão “por trás” de nós. Mas há outra herança, outras partículas e outros genes que vêm de uma humanidade que está “adiante” de nós, no futuro, e que é constituída pelas almas liberadas. É a herança da humanidade que se adianta a nós e que resume em sua corrente, o conjunto de experiências liberadoras: é a corrente genética da humanidade cósmica. Em outras palavras: não só recebemos a herança terrestre de nossos pais, de nossos avós e de

toda a espécie animal que está “por trás” de nós, senão também a herança de “vida redimida” das almas livres: é a transmissão da herança liberadora do futuro.

Conhecidas as leis da gestação terrestre, temos que aprender a conhecer as leis da gestação espiritual.

Quando falamos de herança só imaginamos a herança coletiva condicionada do passado, que nos marca com o signo da família terrestre, do sangue, da raça, mas há um tipo de herança liberadora que ainda não conhecemos bem: um tipo de partícula genética transmitida por uma paternidade e maternidade espirituais que nos marca com o signo da humanidade cósmica e da família das almas liberadas. Nestas partículas de “alta qualidade de vida” está resumida também – como em um código genético – a informação, a ensinância e a experiência liberadora das sucessivas ondas de homens que conquistaram um certo grau de vida livre. A poderosa irradiação desta corrente de consciência-energia-vida, está se fazendo sentir com intensidade crescente no umbral da nova era e podemos dizer que sua irrupção no horizonte da humanidade terrestre “inicia” o nascimento do homem cósmico.

A egoência nasce então sob o signo da vida. Não é um estado que se alcança por meio de uma crença, uma ideologia ou uma organização social, nem pelo desenvolvimento de poderes psíquicos, mas por meio da vida livre de “alguém”: é o que podemos chamar o signo do “encontro” que nos leva à “presença” da própria vida redimida e ao contato com a consciência cósmica que se dá em uma alma similar.

O encontro com “alguém” em quem se dê uma alta qualidade de vida tem uma importância fundamental no destino de todo homem porque é a possibilidade única em que uma alma possa reconhecer-se a si mesma no espelho que lhe é oferecido por outra alma similar.

Este tema do “encontro” é algo sumamente interessante, que mereceria de per si todo um curso: em alguma outra oportunidade vamos aprofundar isto. Por agora só direi que há encontros “escravizantes” e encontros “liberadores”. Temos que aprender a reconhecê-los com antecipação: é um dos “sentidos” que haverá de desenvolver o homem do futuro e que lhe permitirá entrar em ressonância com as almas que buscam similarmente a liberdade interior para formar com elas a sociedade espiritual. Porque se não, de que vale a organização social se os seres humanos, no íntimo, escravizam-se uns aos outros?

Tudo isto é muito importante, como dizíamos, mas antes de formular uma teoria acerca do “encontro”, vejamos se podemos chegar a isso, na vivência do encontro que está se dando aqui e agora entre nós. Em realidade, estamos experimentando aqui um tipo de encontro: encontramos-nos por motivos que talvez ignoremos em profundidade, mas estamos reunidos de certa maneira. Teríamos que poder intuir a “qualidade” em que se está dando este encontro, a “intenção” que une às almas no encontro e o que faz de uma reunião de pessoas uma reunião de almas. Não estamos reunidos aqui por um interesse material, para vender algo ou para fazer um negócio, nem estamos reunidos para utilizar-nos uns aos outros nem para tirar alguma vantagem dos outros: estamos reunidos por algo transcendente, por uma necessidade de nossa alma de participar na comunidade espiritual, de “ser” na reunião de almas. E esta necessidade de comunhão é uma das necessidades fundamentais do homem, tão importante como a água e o pão que levamos à boca.

Reunião de almas não é uma organização nem um encontro organizado entre as pessoas, senão que é um encontro transcendente: reunião de almas é a matriz da sociedade espiritual, o fundamento da sociedade civil e o campo humano-divino onde pode manifestar-se a vida liberada. Retomando agora a definição de egoência a nível de comunidade, podemos dizer que “egoência” é um modo de caminhar juntos pelo caminho, um modo de viver na comunidade espiritual e na

sociedade civil. Um modo de participar do dom divino da vida redimida e do sofrimento humano, um “modo individual de ser em comunidade”. Quando falamos agora de “individualidade”, que longe estamos daquele individualismo antagônico e separado da vida universal! A egoência, enquanto individualidade, é um modo individual de “ser em comunidade”.

Este “modo individual de ser em comunidade” é o caráter novo que distingue a egoência do liberalismo individualista do passado e de algumas chamadas ciências liberadoras: não é a experiência liberadora por negação do mundo, nem por união com o “absoluto” com uma consciência cósmica absoluta que libere a alma de um mundo ilusório. É uma experiência liberadora e redentora no mundo, não por negação do mundo, mas por transformação do mesmo. E não somente pela transformação de um mundo que está “fora” de mim: do mundo que tomo sobre mim para transformá-lo em mim - participação.

A egoência também está muito longe de todo “coletivismo”. Quando falamos de um ser em comunidade, nos referimos a uma comunidade essencial, humana e divina ao mesmo tempo, que ofereça o clima, o alimento e o meio adequado para que o homem possa alcançar a mais alta expressão de sua individualidade e não um meio onde possa perdê-la. Esta é a tragédia do homem atual, não é assim? Ou um individualismo que o separa da comunidade humana e divina ou um comunitarismo organizado que o anula como indivíduo.

A egoência, como “individualidade na reunião de almas” supera estas contradições. A reunião de almas é algo maravilhoso: é um modo de ser e um modo de vida que quase não conhecemos, porque estamos acostumados ou a estarmos sozinhos ou a estarmos “ligados”, “comprometidos” e “escravizados” uns com os outros. Reunião de almas é um novo tipo de sociedade, ou melhor, uma sociedade que existiu sempre, mas que precisamos resgatar da alienação à qual foi conduzido um individualismo estreito e um coletivismo massificante.

Porém, falta-nos ainda um signo mais. Não é suficiente o signo da vida redimida, e não é suficiente – também não – o signo do encontro com o companheiro de caminho – da reunião de almas que nos oferece o clima, o meio, a radiação de luz e amor, para crescermos como indivíduos. Para que o germe da egoência seja ativado, faz falta o signo da “oferenda de si mesmo”. Efetivamente, pudemos talvez escutar a Voz divina que nos chama na noite do desconhecido – o “sinal divino”. Pudemos talvez ver com clareza os sinais que marcam os grandes rumos à humanidade do futuro, pudemos intuir o método e o caminho para chegar a uma individualidade de egoência, pudemos estar em presença da vida redimida das almas similares que nos convidam a caminharmos juntos pelo caminho da liberação. Mas, se não se der em nós uma resposta vital, não haverá transformação alguma. Novamente, a liberdade individual adquire aqui sua plenitude de sentido: todas as condições para ser livre podem estar dadas. Mas se o homem não se oferecer a si mesmo, se não se der a si mesmo e não entrar no jogo da liberdade espiritual com sua própria vida, sua transformação interior não se produzirá.

Seremos talvez os românticos que cantarão o nascimento de um novo mundo. Seremos talvez os idealistas que sonharão com novas utopias sociais. Seremos talvez os rebeldes que alçarão a voz contra as injustiças, ou os reacionários que irão contra os sistemas estabelecidos, contra o mal e contra o que é velho. Mas não seremos os criadores de um homem novo e de um mundo novo, se não tivermos capacidade de oferenda e de renúncia a nós mesmos.

Quando dizemos “renúncia a nós mesmos” não queremos dizer negação do homem nem da vida, senão capacidade de reverter o “sistema” de nossa própria vida para “liberar a energia viva”, ligada a esse sistema. Em outras palavras, a egoência nasce com o signo de uma “maternidade criadora”, que é uma capacidade de amor, através da renúncia e do sacrifício de si mesmo - para liberar um *quantum* de energia vital que aprisionamos e retivemos em nosso “sistema”, através de um sentido possessivo da existência. E, uma vez liberada, se transforma

em “alimento” para nossos filhos. Dizemos que a missão do homem novo está sob o signo da maternidade criadora porque esta energia liberada através da renúncia gera uma corrente de vida que se oferece como alimento para a humanidade.

Hoje em dia, temos que revisar profundamente o que chamamos vida espiritual. Já não podemos aceitar um espiritualismo romântico e idealista. Há demasiada dor, demasiado sofrimento moral e demasiada escuridão no mundo para que possamos dar-nos ao luxo de uma espiritualidade de consumo que, em realidade, é o que conhecemos: uma espiritualidade de refinamento social, de embelezamento próprio, de iluminação, de sabedoria. Uma espiritualidade fundada no consumo dos dons do espírito, e enriquecida pela aquisição de novos poderes ou novas luzes.

Porém, a espiritualidade de egoência nasce com o signo do sacrifício, com o signo da maternidade criadora, com o signo da gestação de vida: é o gesto do homem novo que, havendo conquistado um valor, é capaz de renunciar a ele para liberar um potencial de energia que sirva de alimento e de estímulo ao desenvolvimento dos demais.

Vocês sabem que a nova era se anuncia pelo signo da desintegração da matéria e da liberação de energia. Mas esta é só a face material de um processo muito mais profundo, e de alcances insuspeitados, que culmina na egoência do ser. A egoência se baseia, fundamentalmente, na capacidade do indivíduo de renunciar à posse da vida cósmica, escondida em seu próprio “sistema” e utilizada habitualmente para seu próprio desenvolvimento, para liberar uma “partícula” de alta energia e qualidade de vida que gere uma corrente liberadora, apta para o serviço da humanidade.

Fala-se muito do desenvolvimento por esforço próprio, de autodesenvolvimento, do homem que se faz a si mesmo, e outras coisas semelhantes. Mas a verdade é que tais valores de desenvolvimento se constroem

geralmente à custa do esforço de milhões e milhões de seres que não pudemos conhecer nem conheceremos jamais: em realidade, gozamos de um desenvolvimento construído à custa do subdesenvolvimento dos demais, mas disto dificilmente temos consciência.

O homem novo ama o desenvolvimento, mas um desenvolvimento fundado na energia de sua própria vida, não baseada na vida dos demais. A egoência nasce sob o signo da vida, de sua transformação e desenvolvimento. Mas renuncia a um desenvolvimento que tenha que ser construído sobre o suor e as lágrimas dos demais. Ainda mais, nasce sob o signo da Mãe criadora, que oferece sua própria energia para que os demais vivam: não tomar posse da energia cósmica nem da energia humana.

Em resumo, a egoência nasce sob o signo da energia liberada de nossa própria vida, através da renúncia: este é o último “sinal” que aponta para o desenvolvimento da nova sociedade universal.

Senhoras e senhores.

Chegamos ao termo deste ciclo de conferências acerca da egoência do ser, no qual quisemos apresentar alguns aspectos da lei interior do homem novo.

Talvez, até agora, somente tenha sido possível postular o advento do homem novo como teoria, como um ato de fé, como ficção ou como profecia para o futuro. Mas hoje, podemos caracterizá-lo como fato real, vivo, e mostrá-lo com suficiente evidência para que aprendamos a reconhecê-lo, por similitude, em nós mesmos, e possamos, assim, não só predicá-lo, mas vivê-lo.

Agradeço a presença e a companhia de todos vocês. E faço votos para que, nesta reunião de pessoas, se dê o signo maravilhoso e transcendente da reunião de almas.

Muito obrigado